



Participar + Associação cívica

«A fragilidade das instituições democráticas em Portugal»

Sessão de Encerramento da 1ª sessão

*Os desafios da globalização*

Agradeço muito à associação cívica Participar + o facto de me ter convidado para o encerramento desta sua primeira sessão desse ano. Primeira sessão essa que, incidindo sobre os *desafios da globalização*, será continuada por outras a realizar proximamente em pontos diversos do país, num ciclo de conferências subordinada ao tema «A fragilidade das Instituições Democráticas em Portugal». Não pude acompanhar todos os trabalhos do dia de hoje, em que se debateram temas de ambiente, envelhecimento e demografia, ciência, inteligência artificial. Mas terei a oportunidade de ler as intervenções e os debates que se lhe seguiram porque, à semelhança do que aconteceu em anos anteriores, a Participar+ cuidará de os disponibilizar em livro para o grande público.

Gostaria, nesta sessão de encerramento, de poder regressar ao tema geral deste ciclo de conferências, *a fragilidade das instituições democráticas em Portugal*. E de regressar também ao agradecimento pelo convite que me fizeram para estar aqui. O agradecimento é tudo menos um rito formal. Por isto.

Se tivesse que enunciar a mais importante lição que o exercício do cargo de Provedor de Justiça me tem permitido obter, eu diria que a lição é esta, em apertada síntese. o Portugal das últimas décadas a sociedade rejuvenesce; mas as instituições do Estado limitaram-se a envelhecer. A *décalage* entre uma coisa e outra gera desconfiança. Uma desconfiança perversiva,



recorrente, da sociedade e das suas instituições em relação aos seus interlocutores estaduais.

A sociedade portuguesa rejuvenesceu. É aparentemente um paradoxo, visto que se trata de uma sociedade em curva demográfica descendente. Mas o rejuvenescimento traduz-se nisto: já não somos afetados por uma incapacidade endémica para a ação coletiva. A ideia de uma sociedade incapaz de mobilização associativa, ou com uma fraqueza endémica para se organizar por si mesma e para transmitir à esfera pública a suas pretensões e insatisfações, já não corresponde à realidade. Já não somos assim. Muito felizmente, já não somos assim. É o que a prática quotidiana do meu cargo me tem ensinado; é o que o exemplo da Participar + personifica.

Mas se a sociedade rejuvenesceu, as instituições do Estado limitaram-se a envelhecer. E o efeito de envelhecimento é sobretudo sentido naquelas instituições que têm a seu cargo as funções executivas, que são – em geral – a administração e a jurisdição, e que mais consequências diretas têm na vida das pessoas.

A *décalage* entre uma coisa e outra gera desconfiança. Desconfiança da sociedade rejuvenescida perante os seus interlocutores estaduais. E se isto é sempre mau, é mau por maioria de razão numa época como a nossa, em que se vive uma espécie de *tempo social acelerado*, provocado entre muitas outras coisas pelas transformações estruturais do espaço público, da esfera pública, e pelas consequências que tais transformações têm na forma como se endereçam aos órgãos do poder demandas e exigências de mudanças de comportamento. Este *tempo social acelerado* é só por si inimigo da ideia de instituição, porque não compreende as exigências próprias da reflexão deliberativa e dos seus procedimentos. Por isso, e perante ele, os órgãos do poder é levado as mais das vezes a reagir em vez de agir.



Mas não tenhamos dúvidas. Sem instituições, sem uma mediação institucional robusta, a democracia é um lugar vazio. Um lugar de manifestações sistemáticas de repúdio e de indignação que são amalgamadas sem possibilidade de resposta, e aproveitadas por alternativas aventureiras e oportunistas às formas conhecidas de representação política.

É isto que o exercício quotidiano do meu cargo me tem ensinado. E é por isto que eu tanto agradeço à Participar + (muito para além de me ter convidado) o facto de existir, e, existindo, o ter tão bem compreendido que, em todos os tempos, mas sobretudo num tempo como este que vivemos, a fragilidade das nossas instituições estaduais – do Estado democrático – é tema que requer amplo debate nacional.

Muito obrigada.

Maria Lúcia Amaral

*Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de setembro de 2023*